

## O SOL NA CABEÇA E OS CAMPOS DE FORÇA DA BIOS

Vanessa Augusta Cortez dos Santos Cunha<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo discute os termos do biopoder e biopolítica pensados por Michel Foucault para analisar o território do Rio de Janeiro, a partir do livro de contos *O sol na cabeça* (2018) de Geovani Martins. Para além, propõe novos termos para a reverberação da potência dos corpos, inaugurando uma biopolítica outra.

**Palavras-chave:** biopolítica; biopoder; corpo; potência; Rio de Janeiro;

A área de estudo a qual decidi me dedicar durante o mestrado me apontava a pesquisa sobre formas de vida subjugadas pelas determinações de nascimento a partir do espaço-tempo. Meu campo de estudo lidava com identidades e corpos subjugados dentro de um sistema de hierarquização, e então me foi feita a seguinte pergunta: mas que corpos não são? Quais seriam as medidas para julgar os corpos mais ou menos entrecortados pelos domínios do poder sobre a vida?

Decidi nortear minha pesquisa não mais apenas no sentido da sujeição, mas sim, no caminho em que o sujeitamento já não cabe em si, e o transbordamento das subjetividades já não pode ser contida pelo poder. Considero neste novo rumo da pesquisa a força advinda dos corpos quando se entendem como potência de vida. Quando eles não se moldam mais às determinações de nascimento e fazem do corpo a própria política da existência.

Somos todos sobreviventes, afinal, apesar das diferentes formas de viver. Porém, dentro dos sistemas do poder, que Peter Pál Pelbart (2007) classifica de forma simplificada como sendo “as ciências, o capital, o Estado, a mídia etc”, as formas de vida importam mais ou menos; a sobrevivência se dá de forma mais acentuada ou amena; a injeção do poder vai ser um tanto mais brutal na carne, na molécula ou na morte.

---

<sup>1</sup> Graduada em Jornalismo (UFRN), especialista em Literatura, Arte e Pensamento Contemporâneo e mestranda em Literatura, Cultura e Contemporaneidade ambas pela PUC-Rio. Contato: vanessaugusta@gmail.com.

A questão seria então o que fazer para ser capaz de manejar os atravessamentos do poder, conceituado nesse trabalho como biopoder, pensado a partir de Michel Foucault (1975-1976). Como ser capaz de resistir a ele, de inverter a ordem do poder em benefício próprio, de enganá-lo. Se esse biopoder é uma força que controla, regula, vigia, pune e mata, mas que acima de tudo garante a vida através de uma biopolítica, então como trabalhar o campo de forças do poder reverberando através do corpo, da própria vida, uma potência que já estava lá, mas meio que abafada.

Porque essa é uma das lógicas do poder: abafar a potência dos indivíduos fazendo-os desacreditar da própria força, do valor do seu trabalho, das suas competências, da identidade, dos modos de existir no mundo. O poder ultrapassou a gerência dos corpos de maneira exterior, agindo de fora para dentro. Por isso dizer que os mecanismos do poder engendraram na molécula, no mais profundo das subjetividades dos indivíduos.

Sufocar a potência dos indivíduos é uma das formas de manter o controle, de fazer agir os mecanismos da biopolítica e do biopoder. Para minha pesquisa o livro de contos *O sol na cabeça* (2018), de Geovani Martins, engana a submissão exercida pelo poder e que se cumpre sobre os corpos. O livro se vale justamente do artifício de maior valor dentro da dinâmica de enfrentamento entre biopoder e biopotência que é a vida.

A vida que despossuída de significação através do conjunto de mecanismos, dispositivos e tecnologias do poder, faço uso das nomenclaturas trabalhadas por Foucault, toma para si a potência do corpo, que era, antes, sua própria desvalorização.

O que quero dizer é: a vida excluída, a vida exposta, definida como braçal, como puro corpo apartado da mente, a *vida nua*, me utilizo dos termos de Giorgio Agamben (2007), que foi convertida em um bem explorado pelo poder e pelo capital, ganha novo significado e, nessa nova lógica, nessa nova articulação biopolítica, os modos de vida são o próprio capital, e não está mais a serviço dele.

Nesse novo contexto, ao qual Peter Pál Pelbart (2008) chama de “capitalismo cultural”, “haveria uma tendência crescente, por parte dos excluídos, em usar a própria vida, na sua precariedade de subsistência, como um vetor de autovalorização”.

No livro *O sol na cabeça* (2018), em que as narrativas curtas dos contos são atravessadas pelo confronto subsequente entre os mecanismos do biopoder e a biopotência que aflora nos indivíduos, a vida é o artifício mais importante. São os modos de vida trabalhados a partir das subjetividades dos personagens que vão dando o tom dos contos.

O que fica claro para esta pesquisa é que o livro demonstra que a predeterminação do nascimento, o espaço-tempo, não dá conta de enclausurar as subjetividades. E elas vão sendo entrecortadas no deslocamento entre o biopoder e a biopotência, na fluidez do trânsito que permeia o cotidiano biopolítico do Rio de Janeiro, representado nos contos.

“Quando a UPP invadiu o morro, era foda pra comprar bagulho. Maior escaldação; ninguém queria botar a cara pra vender, só tinha criança trabalhando no vapor. Uns moleque de oito, nove anos. Tinha vez que sentia até pena de ver as criança naquela situação, mas *o papo é que a gente se acostuma com cada bagulho sinistro, que pena é coisa que dá e passa.*(...) Bagulho ficou doido, *os polícia sufocando, invadindo casa, esculachando morador por qualquer bagulho.* Tu tá ligado como eles é. Ainda mais com jornal tudo fechando com eles, tinha que ver. (...) Eu fico de bobeira quando dou um rolé na pista e vejo que *nego não sabe nada que acontece aqui dentro.*” (MARTINS, 2018 p. 37)

O trecho que destaco está presente nos dois primeiros parágrafos do conto “A história do Periquito e do Macaco”, do livro de contos *O sol na cabeça* (2018), de Geovani Martins. A pequena narrativa em primeira pessoa está centrada no momento em que a Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) se instala na comunidade da Rocinha, em 2013.

O conto narra o desenrolar do confronto entre polícia e tráfico quando da chegada da UPP. No relato, a personagem destaca os tiroteios constantes, que já não eram habituais na Rocinha, a truculência dos agentes policiais na abordagem dos moradores, o controle sobre o dia-a-dia dos habitantes do morro, e a desmedida das punições aplicadas pelo tenente Roberto de Souza, apelidado de Cara de Macaco, responsável pelas operações da polícia.

A narrativa se desenvolve na descrição das investidas violentas do tenente Cara de Macaco sobre as pessoas que ele encontra fazendo uso de drogas no morro. O narrador nos informa que o foco de suas agressões visa os usuários, pois o tenente

acredita que os “viciados” financiam o tráfico e, dessa forma, são culpados pela compra de armas no morro.

Na sequência do conto o personagem Cara de Macaco arma uma emboscada para a apreensão de dois rapazes que foram vistos fumando na laje. A armadilha se dá logo após a sua abordagem a um “playboy”, na entrada do morro, que foi pego com a mochila carregada de drogas. O “playboy” o enfrenta, pois, segundo narrador, deve ter pai juiz ou desembargador, e ele desiste de qualquer ação contra o sujeito, mas procura um novo alvo para descontar sua raiva.

O Buiú e o Limão, os rapazes detidos na laje, são levados para um local chamado “casa do Mestre” e lá são espancados e humilhados durante toda a noite. O conto segue para o desfecho quando o Periquito da Rajada, integrante da boca e irmão de leite do Buiú, decide se vingar do tenente elaborando sua morte. O Periquito mata e bota fogo no corpo do Cara de Macaco, que nunca foi achado. No jornal, a chamada é: “Filhos choram no enterro simbólico do tenente Roberto de Souza”, depois disso a Rocinha segue sendo alvo de várias operações.

Poderia não passar de um conto, totalmente ficcionalizado, se não se tratasse exatamente do dia-a-dia nas comunidades centrais e/ou periféricas do Rio de Janeiro. Poderia não ser uma narrativa curta e, sim, uma reportagem, de pequena ou grande escala. Poderia, inclusive, ser uma realidade acobertada, como muitas vezes é.

*O sol na cabeça* (2018) assim como o vejo, mas, mais precisamente o conto que trago como exemplo, é uma amostragem de pequenas narrativas cruas, com a presença constante de um braço do poder: a polícia; que, para Michel Foucault, funciona tanto como um aparelho<sup>2</sup> de disciplina como um aparelho de Estado. Age tanto como uma forma disciplinar como regulamentadora do corpo-indivíduo e da população-espécie, respectivamente.

---

<sup>2</sup> Nomenclatura utilizada por Michel Foucault no livro *Em Defesa da Sociedade* (2005), Curso do Collège de France (1975-1976), Aula de 17 de março de 1976.

A partir do conto pode-se constatar como a interferência deste aparelho funciona de maneiras distintas sobre determinados indivíduos de uma mesma população. Como o poder – que neste trabalho entende-se como campo de forças – se faz valer de mecanismos a fim de implantar medidas que supostamente seriam de segurança, mas que, para se pensar em termos de pré-conceitos de classe e raça, se faz como meio de contenção social, quando não por meio da morte, por meio de punições exacerbadas ou da prisão.

As técnicas punitivas, para usar os termos de Michel Foucault, seriam um mecanismo<sup>3</sup> de segurança. Tais técnicas, que visam corrigir ações cometidas fora da lei e que deveriam ser aplicadas de acordo com os crimes já julgados e sentenciados, passam a ser empregadas como medida de segurança e repressão. Reprimir sendo ato primeiro.

A polícia, nesse caso que uso como exemplo, é apenas – mas não significa pouco – mais um dos aparelhos disponíveis pelo Estado que atuam em conjunto com técnicas, mecanismos e dispositivos usados contra o corpo-indivíduo e a população-espécie.

Todo esse grupamento de nomeações pensadas por Michel Foucault faz parte do funcionamento do biopoder e da biopolítica, conceitos que se expandem quando observados em sociedades fraturadas pela presença estrutural do racismo.

O que inseriu o racismo nos mecanismos do Estado foi mesmo a emergência do biopoder. Foi nesse momento que o racismo se inseriu como mecanismo fundamental do poder, tal como se exerce nos Estados modernos, e que faz com que quase não haja funcionamento moderno do Estado que, em certo momento, em certo limite e em certas condições, não passe pelo racismo. Com efeito, que é o racismo? É, primeiro, o meio de introduzir afinal, nesse domínio da vida que o poder se incumbiu, um corte: o corte entre o que deve viver e o que deve morrer. (FOUCAULT, 2005 p. 304)

O biopoder é precisamente esse “domínio da vida que o poder se incumbiu” e passa pelas esferas do econômico, do político e da consciência. É a reunião de ações políticas que interferem no corpo e na consciência, de modo a funcionar como ação biopolítica. Maneira de investir na vida um poder que, na contemporaneidade, não é

---

<sup>3</sup> Michel Foucault em *Segurança, território, população* (2008), Curso do Collège de France (1977-1978), Aula de 11 de janeiro de 1978.

mais uma força que vem de fora ou de cima, mas que está inserido na forma de agir do corpo, seu funcionamento interno desde as moléculas, controlando sua subjetividade.

Os mecanismos diversos pelos quais se exercem esses poderes são anônimos, esparramados, flexíveis. O próprio poder se tornou pós-moderno. Isto é, ondulante, acentrado (sem centro), em rede, reticulado, molecular. Com isso, o poder, nessa sua forma mais molecular, incide diretamente sobre as nossas maneiras de perceber, de sentir, de amar, de pensar, até mesmo de criar. (PELBART, 2007, p. 65)

Nesse domínio, onde o poder atravessou os corpos e as mentes, e a hierarquização da vida golpeia a subjetividade dos indivíduos fazendo-os desacreditar de sua própria força, nesse campo onde o corpo é despossuído, e a invenção é considerada impossibilidade; nesse lugar, onde se sucumbe, é preciso encontrar resistência. Resistir seria então encontrar sua própria força, potência criativa, inverter a ordem do poder a seu favor, e usar o próprio corpo em favor de uma potência de vida, uma biopotência.

Esse levante do corpo, da consciência em seu próprio proveito, das forças da vida, força criativa a partir da sua própria dor, é o que mais me interessa na pesquisa que atualmente desenvolvo e que, no momento, recai sobre o livro *O sol na cabeça* (2018). Situo a pesquisa justamente nessa transposição entre o biopoder e a biopotência, no uso do cotidiano biopolítico a respeito do que isso produz de afetamento, ou seja, a capacidade de afetar e ser afetado a partir dos agenciamentos coletivos. Seria o que Peter Pál Pelbart chama de “produção do comum” a respeito do que nos é de partilha, a existência como potência.

Que é, precisamente, a vida. Que o poder, esse biopoder, se incumbiu de indiferenciar como forma de nos classificar como povo e conservar o controle, nos despossuindo da multiplicidade própria da multidão. A singularidade do comum é o fato de compartilharmos certo grau de potência, que faz com que multidão seja capaz de resistir.

Neste panorama, dentro da minha pesquisa sobre *O Sol na Cabeça* (2018), encaro o livro como um modo de fazer reverberar a potência de vida da multidão; subverter a ordem do biopoder para produzir uma nova biopolítica, muito mais voltada para o poder criativo do corpo e para as possibilidades do corpo dentro desse campo da vida.

## Referências

- AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer: O poder soberano e a vida nua I**/Giorgio Agamben; tradução de Henrique Burigo. - Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **A História da Sexualidade I, a vontade de saber**. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. – Rio de Janeiro: Edições Graal, 198.
- \_\_\_\_\_, Michel. **Em defesa da sociedade; curso no Collège de France (1975-1976)**; tradução Maria Ermantina Galvão.- São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- \_\_\_\_\_, Michel. **Nascimento da Biopolítica; curso no Collège de France (1978-1979)**; tradução Eduardo Brandão. - São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- \_\_\_\_\_, Michel. **Segurança, território, população. Curso no Collège de France (1977-1978)**; tradução Eduardo Brandão. - São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- HARDT, Michael. **Império.**/ Michael Hardt; Antonio Negri. Tradução de Berilo Vargas.- 2ªed. - Rio de Janeiro: Record, 2001.
- HARDT, Michael. **Multidão.**/ Michael Hardt; Antonio Negri. Tradução Clóvis Marques. - Rio de Janeiro: Record, 2005.
- MARTINS, Geovani. **O sol na cabeça: contos**. - 1ªed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- PALBERT, Peter Pál. **“Biopolítica”**, Sala Preta, 2007. n. 7 p. 57-65.
- \_\_\_\_\_, Peter Pál. **Políticas da vida, produção do comum e a vida em jogo...** Saude soc. São Paulo, 2015. vol. 24, suppl 1, pp. 19-26.
- \_\_\_\_\_, Peter Pál. **Poder sobre a vida, potência da vida**. Porto Alegre, 2002 Revista Lugar Comum. n. 17 pp. 33-43.



## RESSIGNIFICAÇÕES DA AMÉRICA LATINA EM TRÊS EPOPEIAS

Éverton de Jesus Santos (UFS)<sup>1</sup>

**Resumo:** É possível observar a flutuação do sentido da expressão “América Latina” e suas variantes em *Toda a América*, de Ronald de Carvalho, *Canto Geral*, de Pablo Neruda, e *Latinomérica*, de Marcus Accioly, sendo a flutuação na direção de ora significar região, subcontinente, ora ser comunidade, havendo mutações na forma, no sentido e na interpretação. Diante disso, o objetivo é descrever e analisar, por meio de revisão bibliográfica baseada em teóricos e críticos como Todorov, Mignolo e Ribeiro, os contextos em que tal expressão aparece e abordar as ressignificações subjacentes, evidenciando, assim, a constituição de imaginários acerca da América Latina e como isso pode colaborar para a criação da latino-americanidade.

**Palavras-chave:** América Latina; Épica; Ressignificação; Imaginário.

De início, chamamos a atenção para o fato de, ao fazermos o mapeamento das obras que foram selecionadas para este estudo, a saber, *Toda a América*, de Ronald de Carvalho, *Canto Geral*, de Pablo Neruda, e *Latinomérica*, de Marcus Accioly, para identificar a expressão essencial do nosso *corpora*, qual seja, “América Latina”, não termos constatado, nas duas primeiras, tal expressão nem como referência ao subcontinente, nem como simples alusão, ou seja, nelas “América Latina” não é citada, aparentando ser uma entidade que, se existe, não se distingue do todo da “América”. Isto é sintomático, certamente, mas não é de todo verdadeiro, pois não se trata somente de tomar a parte pelo todo, metonimicamente, como se a identidade latino-americana emergisse para além da americana e independente dela, mesmo estando em seu seio. Há, por exemplo, ainda que implicitamente, uma relação direta com a América Latina, percebida pelo enfoque no plano geográfico situado nessa região (com a menção a cidades e países, principalmente), o que lhe confere uma existência por vezes distinta da americana, e isso se torna suficiente para compreendermos que o todo tem suas partes mais ou menos divididas, isto é, a América Latina não é toda a América, e há formas de isso ser identificado mesmo sem uma referência explícita, nomeada, ao subcontinente.

O que podemos evidenciar desde já é o caráter globalizante que os próprios títulos contêm – e que são chaves de leitura. O título da obra de Carvalho, por exemplo, confere uma total abrangência à América, como se ela se tornasse um objeto completamente explorado na poesia, ou melhor, como se a poesia do livro contemplasse o todo continental que anuncia. Não é diferente com Neruda. O título do seu épico

---

<sup>1</sup> Doutorando em Letras na área de concentração Literatura e Recepção. Bolsista Capes. E-mail: evertonufs2010@hotmail.com.